

Luhmann pandêmico¹***Pandemic Luhmann***Paul-Marie Boulanger²Andrea Saltelli³Tradução: Daniel Soares Duarte⁴Revisão de tradução: Lóren Cristine Ferreira Cuadros⁵

Resumo: Em meio à pandemia do Covid-19, transformações importantes estão acontecendo, enquanto um denso véu de incertezas turva o caminho de saída a partir da atual conjuntura. Este breve comentário intempestivo, baseado nas teorias do sociólogo alemão Niklas Luhmann, brinca de “O que Luhmann teria dito”, sem a ambição de prever resultados reais, mas apenas como exercício de interrogação de sua teoria. Por certo, o brilhantismo do próprio Luhmann ajudaria consideravelmente.

Palavras-chave: acoplamento estrutural; ciência; Covid-19; política; teoria dos sistemas sociais.

Abstract: In the midst of the COVID-19 pandemic, important transformations are taking place while a dense veil of uncertainty clouds the way out of the present predicaments. This short, impromptu comment, based on the theories of the German sociologist Niklas Luhmann, plays the game of “What would Luhmann have said”, without the ambition to predict actual outcomes, but just as an exercise of interrogating his theory. Of course, Luhmann’s own brilliance would have considerably helped.

Keywords: structural coupling; science; Covid-19; politics; social systems theory.

1. Contexto

Em um trabalho anterior, abordamos a ramificação da crise entre ciência, mídia e sociedade, conforme lida através das lentes da teoria dos sistemas sociais (SALTELLI e BOULAGER, 2019). Agora, exploramos a pandemia do Covid-19 – na qual a relação entre tais sistemas é ainda mais tensa (WALTNER-TOEWS et al., 2020) –, à luz de nosso diagnóstico, levando em consideração a maneira como diferentes sistemas sociais são afetados pela nova

¹ O tradutor Daniel Soares Duarte declara que a tradução ora submetida foi previamente autorizada pelos autores, bem como pela revista ou editora em que este texto foi inicialmente publicado. O texto utilizado como fonte para esta tradução está disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3586526. Esta tradução tem objetivos estritamente pedagógicos e científicos e não tem fins lucrativos. A permissão dos autores/as e revista/editora, detentores dos direitos sobre o conteúdo, foi obtida por escrito. Contato dos autores: Paul-Marie Boulanger (paulmarie.boulanger@gmail.com) e Andrea Saltelli (andrea.saltelli@uib.no).

² Institut pour un Développement Durable (IDD), Ottignies, Belgique. E-mail para contato: pm.boulanger@skynet.be

³ Centre for the Study of the Sciences and the Humanities, SVT - University of Bergen (UIB) and Open Evidence Research, Universitat Oberta de Catalunya (UOC) Barcelona. E-mail para contato: andrea.saltelli@uib.no

⁴ Professor do Bacharelado em Letras Tradução Inglês-Português da Universidade Federal de Pelotas. E-mail para contato: danisoaresduarte@gmail.com.

⁵ Bacharela em Letras – Tradução Inglês Português pela Universidade Federal de Pelotas. Mestra e Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail para contato: cuadroslorenacristine@gmail.com

realidade. Observamos qual sistema foi mais afetado, em termos do quão seriamente sua autopoiese foi comprometida, em qual sistema a comunicação foi acelerada, além da maturação das contradições e conflitos sistêmicos existentes.

Não faltam análises atuais comprometidas com uma leitura normativa, na qual o melhor ou o pior da natureza humana eventualmente prevalecerá, isto é, a pandemia como teatro da luta eterna entre bem e mal, entre egoísmo e generosidade, tendo como resultado o triunfo da esperança ou do desespero. Em vez disso, a presente leitura atentará para o que pode ser observado nos sistemas em questão enquanto operam ou o que deles pode ser antecipado, tendo em vista a teoria.

2. Trabalhos anteriores

Em Saltelli e Boulager (2019), observamos a midiatização da ciência (SCHEUFELE, 2014), sua comoditização (MIROWSKI, 2011) e politização (PIELKE, 2007) – como consequência do acoplamento estrutural de diferentes sistemas – economia, ciência, mídia, política, seguindo o andaime conceitual da teoria dos sistemas sociais. De acordo com essa teoria, devida a Niklas Luhmann (LUHMANN, 1995; MOELLER, 2006), um sociólogo alemão, os sistemas se comunicam usando seus próprios códigos. Os códigos são verdadeiro/falso para a ciência, lucro/perda para a economia, notícias/não-notícias para a mídia, funciona/não funciona para a tecnologia etc. Em nosso trabalho, diagnosticamos uma situação na qual o código verdadeiro/falso da ciência foi corrompido ou colonizado pelos códigos de outros sistemas. Um elemento importante da teoria de Luhmann, tomado emprestado de um ramo da biologia teórica desenvolvido por Humberto Maturana e Francisco Varela, é a autopoiese, em que cada sistema luta por se reproduzir como uma rede de componentes que reproduzem os próprios elementos que a compõem. Os sistemas influenciam uns aos outros pela *ressonância* ou *irritação*, em uma rede de acoplamentos fechados. A atividade de um sistema pode forçar outro a tornar mais complexa sua operação – como, por exemplo, quando o sistema político procura novas maneiras de arrecadar impostos a partir do sistema econômico, que reage, encontrando outras formas mais complexas de se desviar das regras modificadas. Ao mesmo tempo, para Luhmann, todo sistema inclui elementos de paradoxo e improbabilidade, que também são motivo de contínua transformação e evolução.

O que acontece quando o código verdadeiro/falso da ciência é corrompido por lucro/perda, notícia/não notícia, funciona/não funciona? Falamos disso como um nexos, um estado de *irritação* realçada entre os sistemas sociais, de acordo com a teoria de Luhmann. O

escopo ampliado da comunicação oferecida pelas mídias, novas e antigas, imprimiu uma aceleração à tal irritação – chamamos isso de vórtice, no qual a exploração brutal dos novos meios de inteligência artificial contribuiu para a consolidação do que tem sido chamado, entre outros termos, de capitalismo de plataforma (LANIER, 2006) ou de vigilância (ZUBOFF, 2019), com um efeito geral de aumento da desigualdade e assimetria do poder. Como tal quadro muda com a irrupção da pandemia do Covid-19? Quais são seus reflexos em relação ao nexos atravessado pela mídia entre ciência, sociedade e tecnologia? Quais são as implicações mais amplas para os seres humanos, sua psique e seu ambiente? Sem a presunção de responder tais questões, esboçamos aqui algumas reflexões *a caldo*.

3. O estado-nação está de volta?

À primeira vista, a atual pandemia aplica um golpe severo às teorias de Luhmann. De fato, ele concebeu a sociedade atual como uma “sociedade mundial” estruturada em uma base funcional, em vez de segmentar ou estratificada; ainda assim, observamos que não há estratégia globais, mas muitas maneiras diferentes empregadas por cada país para lidar com a situação. Do mesmo modo, Luhmann concebeu a sociedade mundial como heterárquica, isto é, um arquipélago de sistemas autônomos (embora interconectados) em que os poderes do poder (político), do dinheiro, da ciência, do Direito, da mídia, conferem-se e equilibram-se mutuamente, de modo que nenhum deles consiga controlar ou manobrar os demais. Existe a possibilidade, conforme expresse acima, de que um sistema social seja subjugado por outro, sendo irritado ao ponto de entrar em crise. Contudo, o modo de lidar com isso permanece interno ao primeiro sistema, não ao segundo. Ainda assim, não estamos testemunhando uma tomada de alguns dos outros sistemas pelo Estado? Uma tomada que passa pela imobilização física dos cidadãos e, assim, penaliza todas as atividades e comunicações que exigem a presença e a proximidade dos corpos? O Covid-19 está destruindo o tipo de sociedade que Luhmann descreveu corretamente ou apenas destacando a falha de sua teoria quando caracterizou nosso mundo pós-moderno (por acaso, uma noção que ele não apreciava)?

De fato, a pandemia atinge a sociedade mundial, mas, exceto pelos sistemas mais globalizados – como a ciência, o turismo, o sistema financeiro e talvez os esportes –, outros sistemas, como o da saúde, da política e da economia (a “verdadeira”), reagem de maneira segmentar: cada estado nacional age por si mesmo, notadamente em uma relação idiossincrática com seu sistema de saúde. Isso não significa necessariamente que existe uma falha fundamental na teoria da sociedade mundial funcionalmente diferenciada. Aliás, Luhmann reconheceu que

o sistema político mundial (bem como o sistema jurídico) está estruturado de forma segmentária. Também argumentou que, de um ponto de vista sistêmico, tal característica permite a combinação entre os benefícios da redundância e da variedade. A redundância é necessária para a estabilidade, porém, a variedade é exigida para a aprendizagem e a inovação. O fato de que diferentes países gerenciam a crise de diferentes maneiras oferece a variedade a partir da qual surgem oportunidades de aprendizagem e inovação. Tal característica fornece informações valiosas sobre o melhor modo de agir, informações que faltariam caso o mundo inteiro tivesse se submetido a uma mesma estratégia. Por outro lado, essas diferentes experiências teriam se perdido sem a chamada globalização da nossa sociedade mundial. Podemos insistir, tautologicamente, que nossa sociedade será uma sociedade mundial somente se todas as comunicações puderem se conectar entre si em todo o planeta. Exatamente por vivermos em uma sociedade mundial globalizada, conseguimos considerar as várias experiências nacionais como relevantes, comparáveis e como um bem público global. Hoje, as opiniões públicas de diversos países têm critérios de comparação para avaliar como seus governos reagiram e responsabilizá-los por possíveis erros.

Reconhecidamente, a natureza segmentada da organização do sistema político mundial foi fortalecida e tornada mais visível – nem sempre por suas melhores qualidades, como resultado da crise na saúde. Uma dinâmica típica da irritação entre sistemas – pelo menos quando considerada das perspectivas nacionais dos autores deste artigo – consiste em políticos que reclamam da falta de certeza (ou pelo menos de consenso) da ciência, no fingimento baseado nas soluções e números científicos e cristalinos (como se o vírus fosse uma equação a ser resolvida). O anseio por certeza pode ocultar o desejo que um político tem de apresentar uma decisão possivelmente dolorosa como tendo sido inspirada pela ciência. Do lado oposto, não faltam cientistas ressentidos com a inconclusividade dos políticos e desejando que os especialistas assumam a liderança.

De fato, em um contexto de escassez de máscaras e outros equipamentos médicos, vimos governos de vários países desviando carregamentos de máscaras destinados a outras nações enquanto transitavam por seus aeroportos. Existem maneiras diferentes de interpretar o que aconteceu. Uma interpretação possível é a de que os sistemas de saúde permanecem fortemente acoplados aos [sistemas]⁶ políticos, a ponto de quase todos os governos terem sido responsáveis por acumular máscaras preventivamente. Isso fez com que as organizações de cuidado se tornassem demasiado dependentes de decisões políticas, tanto atuais quanto passadas. Pode-se

⁶ O termo entre colchetes foi adicionado pelo tradutor.

perguntar se acumular produtos médicos é uma tarefa adequada ao sistema político, tendo em vista que os governos tendem a mudar a cada 4 ou 5 anos e, com eles, também as principais orientações em termos de políticas de saúde.

Luhmann era muito cético quanto à possibilidade de o Estado de Bem-Estar ser capaz de cumprir suas promessas (que, para ele, eram numerosas e generosas em excesso). Temia que os governos gerassem expectativas públicas que não conseguiriam atender, fomentando uma sensação de desamparo político frente aos desafios e às complexidades do mundo atual. A presente experiência de sua incapacidade para fornecer as máscaras e equipamentos de testagem necessários a hospitais, asilos e trabalhadores essenciais parece comprovar a afirmação do sociólogo. Certamente, isso deixará vestígios e, após o fim da crise sanitária, deve-se seguir uma crise política em alguns países baseada em uma crítica radical à inabilidade dos governos atuais e anteriores para evitar e antecipar a pandemia e, depois, gerenciar suas consequências, em especial se, como agravante, for revelado que a crise e as medidas tomadas para combatê-la contribuíram para o aumento das desigualdades e das assimetrias do poder (STEVENSON, 2020). Em alguns países, os governos já estão sofrendo processos. Sem dúvida, muitos outros virão, colocando sob tensão tanto os sistemas políticos quanto os jurídicos. Os governos correm o risco de serem processados tanto por terem feito muito pouco (em termos de prevenção e preparo) ou feito demais em termos de suspensão das liberdades civis.

4. A sociedade e seu ambiente

Esta crise diz respeito ao ambiente da sociedade, aos seres humanos como organismos biológicos, e talvez tenha sido originada a partir da negligência estrutural – ou, quiçá, do uso comercial cada vez mais intenso – de seus acoplamentos com o ambiente natural não humano.

Muitos concordariam com a afirmação de que “[...] o coronavírus não é um ‘desastre natural’ como se afirma com frequência. Ele é resultado de ações humanas que criaram um sistema de agricultura que subordina o bem-estar animal e humano ao lucro” (SAPSN, 2020).

Na verdade, mais e mais vírus estão migrando dos animais selvagens para os humanos em razão do desaparecimento das barreiras entre os dois mundos, devido, por sua vez, à exploração intensificada da natureza possibilitada pelas novas tecnologias. É um tanto irônico que o único [tipo de]⁷ organismo alopoiético em nosso ambiente vivo tenha sido capaz de impedir a autopoiese de alguns dos nossos sistemas sociais mais sofisticados. Que isso possa

⁷ O termo entre colchetes foi adicionado pelo tradutor.

acontecer demonstra que existe uma fraqueza estrutural na sociedade funcionalmente diferenciada. Em todo caso, tal fato confirma a asserção um tanto abrupta de Luhmann, de que a única coisa que o ambiente pode fazer à sociedade é destruí-la. Outra hipótese levantada recentemente é a de que o vírus tenha escapado de um laboratório de virologia em Wuhan. Se esse fosse o caso, encontrar-nos-íamos em uma situação agora rotineira de gerenciamento insatisfatório de riscos tecnológicos, mais apavorante ou mais tranquilizadora, dependendo das coordenadas culturais do/a leitor(a).

5. Autopoiese travada ou acelerada?

Vários sistemas funcionais estão severamente travados: o setor financeiro, com suas perdas; os setores econômico e produtivo, desacelerados; e os do esporte e entretenimento, quase totalmente paralisados. Devido ao confinamento, todas as atividades não essenciais (incluindo as econômicas, como turismo e restaurantes) que exigem a presença física dos participantes e/ou do público foram suspensas. De modo mais geral, esse é o caso de quase todos os sistemas sociais a que Luhmann chamou de “interações”. Isso mostra a função que elas têm em relação à outra importante caracterização do alemão sobre os sistemas, a saber, enquanto “sistemas funcionais” ou “organizações”. As organizações podem ser entendidas como sistemas cujas comunicações são compostas por decisões; estas precisam de interações para funcionar, ainda que apenas para a tomada de decisão (reuniões entre decisores).

Isso demonstra também que um elemento pode pertencer ao “ambiente” de um sistema – isto é, ao meio em que se encontra imerso – e mesmo assim ser indispensável à reprodução desse sistema, em virtude dos acoplamentos estruturais. Como Luhmann conhecidamente defende, a sociedade é feita de comunicações e não de indivíduos. Não obstante, a sociedade e seus membros permanecem intimamente acoplados, inclusive em termos da própria realidade corporal humana.

Que a autopoiese do sistema econômico tenha quase desaparecido significa que foram feitos pagamentos (obrigatórios) por consumidores para comprar comida, pagar empréstimos, créditos, seguros etc., e também por empresas, a maioria sem a possibilidade de restaurar sua capacidade de fazer futuros pagamentos. Como consequência, os governos terão de contrair grandes dívidas, o que os deixará altamente dependentes do setor financeiro em um futuro próximo, pondo em risco sua autonomia e capacidade de ação. Tais aspectos monopolizavam a agenda dos debates políticos na Europa quando da escritura do presente artigo. Ao contrário, durante a crise, os sistemas de saúde, político, científico e técnico-científico viram suas

comunicações acelerarem e aumentarem, fornecendo, minuto a minuto, novas (embora não necessariamente precisas) informações à mídia. Contudo, são os epidemiologistas, os virologistas e os pesquisadores de modelagem científica que tomaram a frente nos meios de comunicação, enquanto os políticos se dividem entre culpar a ciência pela falta de certeza e usá-la como escudo para evitar decisões penosas. Com certeza, Luhmann teria criticado duramente as incursões dos presidentes Trump e Macron no campo da medicina. O primeiro cruzou as fronteiras da competência do sistema político e interferiu na autonomia do sistema de saúde, defendendo a terapia baseada no uso de cloroquina e indo de encontro às recomendações da maior parte da comunidade científica. Quanto ao segundo, ao parecer endossar as declarações do Professor Didier Raoult, tornou-se culpado por uma incursão inadequada e contraprodutiva em um campo que não depende da tomada de decisões políticas. As decisões acerca das políticas de saúde são legítimas e, portanto, coletivamente obrigatórias, apenas se forem baseadas em um consenso da comunidade médica.

6. Ciência e tecnologia

A aceleração dos sistemas científico e técnico-científico tem um preço: o da maturação acelerada das contradições estruturais (RAVETZ, 2011). De modo particularmente agudo, percebe-se hoje o paradoxo de uma ciência agora toda-poderosa, com o poder sinistro do vírus traduzido através de imagens científicas/artísticas impressionantes de sua estrutura e dezenas de novos produtos farmacêuticos em estudo, mas, ao mesmo tempo, impotente para mapear uma saída para a crise (WALTNER-TOEWS, 2020), o que leva alguns autores a falar de uma “modernidade sem roupas” (STIRLING, 2020; STIRLING, 2020). O embaraço da ciência ao informar as escolhas da sociedade encontra seu pico no campo da quantificação, tanto na apresentação de dados com precisão implausível quanto na geração de modelos de previsão que negligenciam as incertezas encontradas (SALTELLI, 2020). Meses após o início da crise, variáveis-chave da pandemia ainda são surpreendentemente pouco conhecidas, o que levou um acadêmico a falar de um “empirismo em grau zero” (DASTON, 2020). Isso gera novas vertentes de irritação na relação entre ciência e sociedade (WALTNER-TOEWS, 2020). De outra parte, os filósofos parecem estar mais em casa quando discutem a necessidade de fronesse – ou ainda a metis, em termos de como lidar diariamente com a crise (FOUCAULT, M. *et al.*, 2020). Nada disso surpreenderia Luhmann. O autor sempre salientou que quanto mais a ciência progredisse, mais incertezas criaria. Poderia a crise levar a uma reavaliação de como são geradas expectativas em relação à ciência e de como esta é percebida, operada e finalmente posta em

prática para além do paradigma da “ciência normal” existente (WALTNER-TOEWS, 2020)? Com seu ceticismo em relação aos pós-modernos, Luhmann provavelmente não expressaria simpatia em relação às afirmações correntes acerca da “pós-normalidade”. Ou, talvez, teria considerado autoevidentes as novas realidades da ciência. Ele escreveu que:

[...] a atividade de orientadores de especialistas não pode ser mais entendida adequadamente como a aplicação do conhecimento existente. Durante a comunicação, eles precisam sustar ou pelo menos diluir as incertezas persistentes na ciência, precisam evitar decidir questões políticas por antecipação, como questões de conhecimento. Suas orientações não expressam autoridade, mas incerteza, tendo como consequência o fato de que os especialistas parecem cientificamente não-confiáveis enquanto apresentam controvérsias políticas politicamente inspiradas na avaliação do conhecimento científico. Como resultado, a tendência é que não sejam vistos nem como cientistas, nem como políticos. (LUHMANN 2013, p. 114)

7. Digitalização

Quase uma certeza é o fato de que a crise está dando um ímpeto novo e poderoso ao processo contínuo de digitalização das comunicações sociais em todos os sistemas funcionais, organizacionais e, especialmente em razão do confinamento, também nos sistemas de interação. Esta última provavelmente não perdurará após o fim da crise. Não é o caso de muitas organizações e mesmo de sistemas funcionais inteiros. Por exemplo, é provável que a crise sanitária deixe vestígios duradouros nas práticas educacionais. De fato, o sistema educacional começou a usar intensamente as tecnologias digitais. Agora que professores e alunos estão habituados a se comunicarem via plataformas como Zoom e tantas outras, provavelmente verão menos utilidade em encontros físicos nas salas de aula, exceto, é claro, para a realização de exercícios em que a presença é mesmo necessária. É provável que o funcionamento e o financiamento da educação superior também venham a ser afetados, talvez revertendo a aceleração em direção a altos custos impulsionada pela criação recente de sistemas de classificação internacional que engendrou um mercado global de educação (O’NEIL, 2016).

Mais preocupantes são os resultados possíveis da pandemia em alguns (senão em todos os) sistemas políticos. Em alguns países (e, provavelmente, em um número cada vez maior, à medida que a crise avança), o sistema político está usando tecnologias de rastreamento para localizar pessoas infectadas e evitar que outros interajam com elas. Quase certo é que o sistema jurídico, pelo menos nos países ocidentais, será seriamente *irritado* por tal uso da internet, e que os defensores dos Direitos Humanos voltarão seu trabalho para essa questão.

Como será a interação em relação a um cenário de total controle do indivíduo pelo “capitalismo de vigilância”? – expressão que Luhmann com certeza não teria endossado. Shoshana Zuboff assevera que as teorias da modificação de comportamento defendidas pelo psicólogo behaviorista B. F. Skinner teriam fornecido ao capitalismo de vigilância seu núcleo metodológico (ZUBOFF, 2020, p. 361-375). A pandemia será o Eldorado da domesticação social e do controle esperado por Skinner e temido por Zuboff? De qual lado do debate inflamado entre tecno-otimistas (BASTINI, 2019) e tecnopessimistas (LANIER, 2006; SUPIOT, 2007) acerca do impacto da inteligência artificial e do *big data* Luhmann se posicionaria? Temeria que a atual pandemia se tornasse uma oportunidade de ouro para o capitalismo – disfarçada de “catástrofe”, ao modo descrito por Naomi Klein (KLEIN, 2007) –, forçando a adoção de seus interesses? Luhmann provavelmente teria rejeitado tanto o debate sobre o comunismo automatizado devido aos prodígios do “big data” e da inteligência artificial (BASTINI, 2019; MOSTAFA, 2019) quanto o “capitalismo do coronavírus” (DEMOCRACY NOW!, 2020) apontado por Klein, porém, provavelmente não aquele a respeito das implicações mais profundas das tecnologias da informação em sua própria teoria dos sistemas sociais. Podemos especular uma concordância com Hannah Arendt, citada por Zuboff (2020, p. 382), quando esta afirma que: “O problema com as teorias modernas do behaviorismo não é que elas estejam erradas, mas que podem se tornar verdadeiras, que sejam a melhor conceitualização possível de algumas tendências óbvias da sociedade moderna”.

Nascido na Alemanha, em 1927, Luhmann viveu e testemunhou dois regimes ditatoriais em seu próprio país: o nazismo e o comunismo (o segundo, indiretamente). Ele observou que obter o controle quase total da população é perfeitamente possível sem que se faça uso da moderna tecnologia da informação, mas apenas de uma abundante força de trabalho na polícia política. Possivelmente, não ficaria impressionado com essa nova ameaça. Por outro lado, é provável que ficasse mais preocupado com a ascensão da extrema direita nas democracias liberais.

Ademais, foi com frequência bastante irônico quanto às tentativas fracassadas de modificar os comportamentos das pessoas realizadas por terapeutas. Devemos lembrar que ele concebia os indivíduos como “sistemas psíquicos” operacionalmente fechados e autorreferentes, assim como os sistemas sociais. Tais sistemas se “interpenetram”, se irritam e estimulam mutuamente, mas um não tem como tomar o controle das operações do outro. A socialização, por exemplo, considerada pela maioria dos sociólogos e psicólogos como uma intervenção direta da sociedade na mente das crianças, é vista por Luhmann (1995) como autossocialização:

Primeiramente, socialização é sempre autossocialização, não ocorre pela “transferência” de um padrão de sentido de um sistema para outro; seu processo básico é a reprodução autorreferencial do sistema que ocasiona e experiencia a própria socialização.

Entretanto, como atestam *Tempos modernos*, de Charlie Chaplin, e *Metropolis*, de Fritz Lang, medos e críticas referentes às tendências capitalistas à automação do comportamento humano não são nada novos. Sem sucesso a longo prazo, o taylorismo já havia tentado transformar trabalhadores em “máquinas triviais”, segundo Von Foerster. Para o jurista francês Alain Supiot (2007), o taylorismo foi suplantado por um sistema de trabalho cibernético e homeostático guiado por objetivos. Para o autor, essa é apenas uma entre as muitas consequências distópicas da numerificação do real. No novo sistema, o trabalhador está contínua e permanentemente engajado em alcançar seus objetivos, imerso em um sistema social em que a lei foi subjugada por uma governança baseada em números.

Tal combinação da motivação própria do trabalhador e do controle por parte da organização é sintetizada na sociologia de Luhmann por meio do conceito de “carreira”, que ele descreve como a “interação entre autosseleção e alterseleção”, como “contingência que ganha forma” (LUHMANN, 2018. p. 72-77).

Finalmente, pode bem ser o caso de que Luhmann seja mais humanista do que muitos que se definem como tal, posto que acredita na autonomia e na liberdade dos “sistemas psíquicos” no que diz respeito a seu ambiente social, confiando em sua capacidade de resistência. Não se pode dizer se o aprimoramento do poder e da velocidade dos novos aparatos do capitalismo de vigilância e de plataforma teria feito Luhmann mudar de ideia.

O que se viu com muita clareza é que os computadores iriam “[...] atacar a autoridade dos especialistas”.

A princípio, no futuro, todos poderão verificar as declarações de especialistas, como médicos e advogados, em seus próprios computadores. Sem dúvida, poderão afirmar que não existe evidência científica para a eficácia de alguns medicamentos – e, mesmo assim, nós as encontraremos. Ou que não existam decisões judiciais sobre certas questões jurídicas – e nós também as encontraremos. Embora seja difícil aferir como o conhecimento chega até os computadores, de modo algum ele pode ser transformado em autoridade. (LUHMANN, 1997, p. 187-188)

Essa citação em particular encontra eco neste momento em que se descobriu que mais de 40% da população francesa é da opinião – contra a recomendação dos especialistas (com exceção de um) – de que o tratamento com cloroquina é eficaz contra o Covid-19.

Contudo, as tecnologias da informação desafiam seriamente a teoria de Luhmann; desafio este do qual ele tinha plena consciência, mas que nada tem a ver com o controle social dos indivíduos ou com o abuso de poder. Enquanto tecnologias da comunicação, elas podem acomodar tanto o poder quanto a resistência ao poder, tanto comunicações verdadeiras quanto falsas, morais ou imorais. O sociólogo era escrupuloso demais para especular acerca dos impactos futuros da TI, mas podemos perceber em sua última obra, *Die Gesellschaft der Gesellschaft* (1997), que ele estava realmente preocupado com esse campo, a ponto de escrever que: “A única alternativa ao acoplamento estrutural consciência/comunicação que está emergindo – com consequências imprevisíveis – é o computador” (LUHMANN, 1997, p. 65-66).

Observemos a expressão “consequências imprevisíveis”. Contudo – e isso é um tanto engraçado nas atuais circunstâncias, em que *smartphones* estão sendo usados para evitar encontros entre corpos contaminados e não contaminados –, ele notou que: “os corpos humanos (pelo menos no atual estado das coisas) estão ligados a pontos de conexão mesmo quando estes consistem em dispositivos portáteis. Assim como no caso da televisão, isso pode levar a uma redução dos contatos aleatórios entre corpos que se movimentam livremente” (LUHMANN, 1997, p.185). Piadas à parte, as consequências por ele consideradas são de uma natureza muito mais profunda e fundamental do que aquelas referidas por Zuboff e outros. Não é possível discuti-las aqui, mas elas podem muito bem ser da mesma magnitude que os efeitos causados na sociedade pela introdução da escrita e depois da prensa. Se a teoria de Luhmann é a teoria da sociedade da imprensa, então ela já está obsoleta e uma teoria sociológica totalmente nova se faz necessária. Trata-se de algo que o próprio Luhmann reconhecia, mas, como defende Baecker (2006), ele pode ter sentido que a teoria da sociedade da imprensa (a sua própria) deveria primeiro ser concluída, a fim de possibilitar a construção da teoria da sociedade do computador.

8. Conclusões

A teoria de Luhmann não tem poder preditivo. Não tem nem mesmo poder explicativo. Ela pode apenas nos ajudar a dar sentido ao que está acontecendo, não “O” sentido, mas “um”, entre vários outros possíveis, e não necessariamente o mais “verdadeiro”. Para fazê-lo, não devemos nos perguntar tanto “o que Luhmann pensaria?”, mas “que ferramentas nos legou para pensarmos de maneira independente?”. As considerações curtas e experimentais esboçadas acima estão longe de fazer justiça à profundidade e à acuidade do aparato conceitual de

Luhmann. Seria necessário fornecer mais dados para termos uma visão geral mais precisa da riqueza de suas teorias e usá-las de modo a entender a atual situação.

Por outro lado, a pandemia ainda demorará a passar. No momento, ainda não sabemos o que realmente aconteceu em nossos asilos, e o Covid-19 recém chegou à África. Podemos apenas supor que as análises de Luhmann em termos de inclusão e exclusão, que substituem análises baseadas na classe social, encontrarão uma triste confirmação.

O conceito de sistemas sociais como paradoxais, contingentes e em contínua transformação provavelmente o teria levado a especular que a crise não passaria sem alterar os sistemas, isto é, o sociólogo teria se mostrado cético quanto a um retorno à normalidade.

Com este breve ensaio, convidamos outras pessoas a tomarem posse da herança de Luhmann, enriquecê-la e adaptá-la a uma sociedade que o autor concebeu como em permanente evolução, renovando-se e mudando a cada novo evento de comunicação que acontece no mundo.

Referências

BAECKER, D. Niklas Luhmann in the society of the computer. **Cybern. Hum. Knowing**, v. 13, p. 25-40, set. 2006.

BASTINI, A. **Fully Automated Luxury Capitalism**. A manifesto. Nova York: Verso, 2019.

“Coronavirus Capitalism”: Naomi Klein’s Case for Transformative Change Amid Coronavirus Pandemic. **Democracy Now!**, 2020. [Online]. Disponível em: https://www.democracynow.org/2020/3/19/naomi_klein_coronavirus_capitalism. Acesso em: 20 abr. 2020.

DASTON, L. Ground-Zero Empiricism. **Critical Inquiry**, abr. 2020.

FOUCAULT, M. *et al.* Coronavirus and philosophers. **European Journal of Psychoanalysis**, 2020. [Online]. Disponível em: <https://www.journal-psychoanalysis.eu/coronavirus-and-philosophers/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

KLEIN, N. **The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism**. Toronto: Knopf Canada, 2007.

LANIER J. **Who owns the future?** Londres: Penguin Books, 2006.

LUHMANN, N. **Organization and decision**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

_____. **Social Systems**. Stanford: Stanford University Press, 1995.

_____. **Theory of Society**. Volume 1. Stanford: Stanford University Press, 1997.

- _____. **Theory of society**. Volume 2. Stanford: Stanford University Press, 2013.
- MIROWSKI, P. **Science-Mart, Privatizing American Science**. Harvard: Harvard University Press, 2011.
- MOELLER, H. G. **Luhmann explained**. Chicago: Open Court Publishing Company, 2006.
- MOSTAFA, J. **The Revolution Will Not Be Automated**. *Sydney Review of Books*, julho de 2019.
- O'NEIL, C. **Weapons of math destruction: how big data increases inequality and threatens democracy**. Nova York: Random House Publishing Group, 2016.
- R. PIELKE, J. R. **The Honest Broker**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- RAVETZ, J. R. Postnormal Science and the maturing of the structural contradictions of modern European science. **Futures**, v. 43, n. 2, p. 142-148, mar. 2011.
- SALTELLI, A. Ethics of quantification or quantification of ethics? **Futures**, v. 116, 2020.
- SALTELLI, A; BOULAGER, P.-M. Technoscience, policy and the new media. Nexus or vortex?. **Futures**, p. 102491, nov. 2019.
- SAPSN [Southern African People's Solidarity Network]. **COVID-19 pandemic: Statement by the Southern African People's Solidarity Network**, 2020. [Online]. Disponível em: <https://www.cadtm.org/COVID-19-pandemic-Statement-by-the-Southern-African-People-s-Solidarity-Network>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- SCHEUFELE, D. A. Science communication as political communication. **Proc. Natl. Acad. Sci. U. S. A.**, v. 111, supl, n. 4, p. 13585-92, set. 2014.
- STEVENSON, G. Stevenson., Following the coronavirus money trail. **Open Democracy**, mar. 2020.
- STIRLING, A. Modernity Without its Clothes: the pandemic crisis shines a light on futilities of control, **STEPS Centre**, 2020. [Online]. Disponível em: <https://steps-centre.org/blog/modernity-without-its-clothes-the-pandemic-crisis-shines-a-light-on-futilities-of-control/>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- SUPIOT, A. **Governance by Numbers: The Making of a Legal Model of Allegiance**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- WALTNER-TOEWS, D. et al. Post-normal pandemics: Why COVID-19 requires a new approach to science. **STEPS Centre Blog**, 2020. [Online]. Disponível em: <https://steps-centre.org/blog/postnormal-pandemics-why-covid-19-requires-a-new-approach-to-science/>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- ZUBOFF S. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. Nova York: Public Affairs, 2019.